





# A última barreira

Estamos atravessando um ano de muitas dificuldades, com o recrudescimento do Estado sobre os trabalhadores, forçando uma posição de defensiva do movimento sindical. O melhor do nosso esforço tem sido para garantir a manutenção do nível de emprego e evitar uma compressão maior dos salários, que graças à política recessiva do Governo vêm se transformando em migalhas incapazes de permitir o sustento digno de uma pessoa.

No campo institucional, tem-se a impressão que estamos perdendo terreno para uma nova/velha ordem que faz corar de inveja os censores dos regimes autoritários. Escandalosamente, o governo vem manipulando informações, com a conviência das empresas, para sustentar uma estratégia que visa desmantelar a organização dos trabalhadores. Via medidas provisórias, baixadas ao prazer do presidente da República, procura-se dividir o movimento sindical, penalizar tradicionais lideranças e derrubar à força direitos consagrados na Constituição Federal. Jornalistas, que no passado tiveram de amargar a cen-



sura militar, hoje convivem com dois tipos de cerceamento da liberdade de expressão: a censura oficial e a censura empresarial.

A nova correlação de forças nos leva à necessidade de uma mobilização mais intensa na defesa da democratização dos meios de comunicação. Só através desse instrumento a sociedade evitará manipulações grosseiras e artificiais. Ao mesmo tempo, chegou a hora de concretizar uma antiga discussão em torno do sindicato único de trabalhadores por ramo de atividade. Em vários países com nível de

consciência maior não é novidade um sindicato reunir do office-boy ao gráfico, do radialista ao jornalista. Por isso, são fortes.

Em Brasília, de fato, estamos apenas engatinhando. Mas só o fato de existir essa consciência em grande parte da categoria e das lideranças desses sindicatos já é um bom começo. Pequenas divergências devem agora ser colocadas de lado. Não podemos conviver com a triste ilusão de que há barreiras nos dividindo. Se há, vamos derrubá-las.

Estamos falando da INTERCOM.

# Carta aberta ao Judiciário

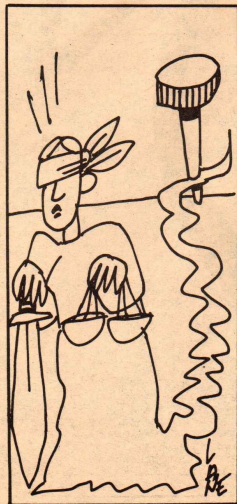
No fechamento desta edição, as eleições de 3 de outubro ainda não haviam sido realizadas, por isso julgamos importante publicar, na íntegra, o manifesto assinado por várias entidades da sociedade civil do Distrito Federal (inclusive o Sindicato dos Jornalistas) ao ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e do Supremo Tribunal Federal, além dos juizes do Tribunal Regional Eleitoral (TRE).

Como entidades organizadas da sociedade civil, cidadãos e eleitores do DF, consideramos que são condições essenciais à Democracia que o povo brasileiro está construindo, a independência entre os Três Poderes e o funcionamento íntegro do Poder Judiciário.

Em períodos eleitorais, nossa única defesa contra a influência negativa do poder econômico e da mídia é a Justiça Eleitoral.

1 • A associação, em manchete de primeira página, da visita do Presidente Collor à Procuradoria Geral da República, com o anúncio do parecer do Senhor Procurador-Geral, favorável à manutenção da candidatura Roriz.

2 • As notícias publicadas, e usadas



no horário do TRE, sobre as pressões exercidas pelo Palácio do Planalto — resultado favorável ao candidato Roriz.

3 • O uso da imagem do senhor Presidente do TSE, pela Frente Comunitária, no programa do TRE do dia 10 de setembro.

4 • As reclamações de partidos políticos quanto a tratamento diferenciado e dificuldades em obter, com a urgência necessária, atendimento aos pedidos de direito de resposta.

Preocupam-nos, sobretudo, o silêncio da Justiça Eleitoral sobre esses acontecimentos. Se falsos — conforme esperamos que sejam — significam um processo intencional de desmoralização da Justiça Eleitoral, que é patrimônio comum aos Senhores Ministros, aos eleitores e aos cidadãos. Se verdadeiros, nós, como sociedade civil, estamos em perigo e devemos nos organizar em função disso.

A partir da próxima semana, vivemos o processo de votação, apuração, divulgação e diplomação do chefe do Executivo e dos parlamentares do DF, para o qual é indispensável a confiabilidade e a isenção da Justiça Eleitoral.

Por isso, precisamos urgente, que essa Justiça preste esclarecimentos à opinião pública sobre os noticiários acima mencionados, inclusive utilizando seu direito de pronunciamento em rede de televisão, garantindo assim o processo democrático que tanto custou à Nação brasileira.

Prezado Sr. Bartolomeu Rodrigues, Presidente do Sindicato dos Jornalistas do DF

Citados nominalmente no Imprensa Livre nº 4, gostaríamos de ver nosso direito de resposta publicado no mesmo espaço utilizado, em denúncia efetuada por Ana Maria Costa e Silva, a respeito de seu trabalho free-lancer no periódico O Octogonal.

Como qualquer jornalista sofre das agruras salariais impostas pela grande imprensa e, por isso, resolvemos implantar um tabloide para também servir de ligação entre os moradores-condôminos da Área Octogonal Sul.

Estamos na sétima edição e o pequeno jornal é respeitado e querido por toda a comunidade octogonalense, comunidade à qual pertencemos.

Há certo tempo, precisando de alguém para colaborar com o nosso jornalzinho, entramos em contato com a Bolsa de Empregos do Sindicato e descobrimos que a colega Ana Maria estava desempregada e sem algum dinheiro. Face a isso, convidamos-na a colaborar conosco, mesmo porque ela já havia trabalhado no C de B, de onde foi demitida.

Ela aceitou fazer o trabalho nas condições e prazo que podíamos pagar, mesmo porque o trabalho não lhe exigia muito e as matérias poderiam ser feitas até por telefone. Como ela estava a fazer algum tempo sem escrever, pedimos que revisasse a própria matéria para sanar, principalmente, concordâncias verbais e gramaticais onde, não se sabe como, havia algumas incorreções.

Em momento algum a colega foi distraída ou não fez o contrário. Ela e sua filha até merendaram conosco em nosso apartamento.

O que ocorreu em relação ao pagamento é que Ana Maria queria receber, de qualquer forma, mesmo antes de terminar o trabalho pois precisa comprar produtos de beleza e pagar a managem.

Nós, como operários da imprensa que somos, sabemos na carne as dificuldades pelas quais a categoria passa e, em nenhum momento deixamos de pagar o previamente combinado e/ou repetimos, distraíramos alguém. Estamos à disposição.

Cervasio Gonçalves  
por O Octogonal

# imprensa LIVRE

REVISTA DO SINDICATO NACIONAL DE JORNALISTAS

Publicação do Sindicato dos Jornalistas do DF

**Diretoria Executiva:** Presidente- Bartolomeu Rodrigues; Vice-Presidente- Nelson Pantoja; Secretário-Geral- Jorge Wamburg; Primeiro-Secretário- Fátima Xavier; Segundo-Secretário- James Gama; Primeiro-Tesoureiro - Romerito Aquino; Segundo-Tesoureiro - Jairo Viana. Suplentes: Paulenir de Souza, Ros'Âne Moraes, Gisele Artur (licenciada), Luiz Múcio Montandon, Edgard Tavares, Dimas Ferreira, Lourival Ribeiro. Conselho Fiscal: Rosana de Cássia, Juarez Alencar, Demerval Dantas, Lane, Walter Mota, Mota Brito. Delegados junto à FENAJ: César Borges (licenciado), Fernando Tolentino (licenciado), Roosevelt Pinheiro, José Coury. Comissão de Ética: Salomão Amorim (licenciado), Humberto Netto, Antônio Arrais (licenciado), Stênio Ribeiro, Tânia Mara Rocha e Coeli Mendes. Este número: edição de Bartolomeu Rodrigues, diagramação de Walter Mota e ilustração de Lane. Redação: SIG Quadra 02, Lote 430, Fone 225-0728, 226-6251 e 226-4317.



Enquanto não saem novos financiamentos, os condomínios próximos a Brasília...traem o interesse dos jornalistas para resolver o problema de moradia



## Condomínio, a nova opção da Cooperativa

Está surgindo o condomínio dos jornalistas, dos profissionais de comunicação de Brasília. Uma área próxima ao Lago Sul ou Lago Norte, com lotes em torno de 2 mil m<sup>2</sup>, área verde, espaço para escola, lazer. O local deverá ser definido até 15 de outubro, a partir de estudos de diversas propostas chegadas à diretoria da Cooperativa.

A princípio procuramos adquirir um condomínio já instalado naquela região, mas com a adesão de mais de 120 cooperados ao projeto, passamos a negociar uma área ainda não loteada pelas empresas imobiliárias, pois assim teríamos amplas condições de urbanizar o espaço dentro de princípios que nos aproximássemos de uma moradia digna, confortável, no máximo a trinta quilômetros da Rodoviária. Neste condomínio trataríamos questões como transporte, escola de crianças, tratamento d'água, etc.

A participação neste condomínio é vista por alguns cooperados como investimento imobiliário. Dentro de dois anos, esta moradia pode valer a entrada num apartamento na Asa Sul ou no Setor Sudoeste. É isso que será levado em consideração por todos que estão na luta para morar nesta especulada capital.

SHIS — Caixa — Os programas da SHFS para edificação de moradias nos se-

tores no Sudoeste, Guará I, Guará II, Sobradinho, Gama. Samambaia está localizada aptos para entrar em execução. Falta financiamento. A Caixa Econômica Federal tem repetido que só abre os cofres para a habitação em setembro de 91. É possível trabalhar com a SHIS no sistema de autofinanciamento. Mas um apartamento de 80 m<sup>2</sup> no Sudoeste exige pagamento de 20 mensalidades de Cr\$ 360 mil (valores de setembro). Na Samambaia a prestação é de Cr\$ 140 mil.

A alternativa que se apresenta neste momento é a da edificação do condomínio, que exige pagamentos bem mais próximos de nossa economia de classe média em desespero. As prestações mensais podem ficar em torno de Cr\$ 20 mil, com entrada próxima a Cr\$ 60 mil.

Os valores finais para participação no condomínio serão definidos nos próximos dias. É necessário estar em dia com a taxa administrativa da Cooperativa para participar do projeto.

As inscrições ainda estão abertas e pretendemos fechar quando chegar a 250, número que é bom para a formação do condomínio. Liguem 225-0707 e confirme seu nome. (Allan Pimentel, presidente)

## Assessores aprovam Carta de Canela

por Tânia Mara Rocha

Qual o caráter da conjuntura nacional hoje? Este tema foi a tônica do IV Encontro Nacional dos Jornalistas de Assessorias de Imprensa, que estiveram reunidos no período de 24 a 28 de setembro em Canela (RS), cujo resultado constou na elaboração da "Carta de Canela", versando sobre a elaboração de uma política de comunicação, norteadas pela ética e pela democratização da informação. Sob esta ótica, os meios de comunicação devem desempenhar um papel estratégico na condução do processo político proposto pelo Governo Federal, exercendo o controle ideológico na viabilização desse projeto.

Esta preocupação reforça o dever dos profissionais de imprensa de participarem do processo, em virtude de que o projeto neoliberal em andamento no País, conectando o Brasil à contemporaneidade do mundo capitalista, transforma o indivíduo num mero consumidor e eleitor. Os veículos de comunicação, dessa forma, terão uma participação efetiva

na transformação da opinião pública, permitindo um sentido para os acontecimentos através da construção de uma consciência na sociedade.

Outros fatores pertinentes aos meios de comunicação e à imprensa contribuirão para a formação desse processo. A exemplo disso, está sendo detectado o crescente aumento, nos últimos anos, de profissionais da imprensa em diversos setores de assessoramento, tanto na área privada quanto na pública, participando ativamente como catalisadores e geradores de informações. As assessorias de imprensa perderam a denominação de "cabides de emprego" para um novo caminho de especialização dentro da carreira jornalística e geram no profissional da área uma necessidade de melhor aperfeiçoar-se, mantendo um estreito relacionamento com as redações em geral.

**Materia obrigatória** — No tocante às relações com as redações, as assessorias de imprensa vêm dando ênfase à elaboração de releases, principalmente para jornais do interior. Nas capitais, este instrumento vem sendo considerado apenas como um ponto de pauta. No que diz res-

peito às universidades, os jornalistas participantes do IV Enjai sentiram a necessidade de que fosse incluída a matéria "Assessoria de Imprensa" como disciplina obrigatória do curso de Jornalismo. Na área pública, foi dado ênfase à aplicação da Portaria n° 3.071/88, de autoria do ministro Almir Pazianotto, com parecer definitivo sobre a jornada de cinco horas também para o jornalista do serviço público.

Finalmente, o IV Enjai criou uma comissão composta por dez jornalistas — cinco a nível nacional e cinco a nível regional — que irão debater e diagnosticar os principais problemas da categoria em suas diversas regiões. A participação de Brasília será efetiva através de seu Sindicato de base, onde já estão sendo feitos trabalhos junto aos profissionais da área. A nível local já foram realizados dois encontros este ano, tendo, inclusive, fornecido os subsídios para as propostas defendidas por Brasília no encontro de Canela.

Tânia é diretora do Sindicato dos Jornalistas do DF e representou Brasília no IV Enjai

3

□ O número de trabalhadores sindicalizados com mais de 18 anos corresponde a apenas 13,8% da população ocupada, segundo pesquisa nacional, em âmbito de domicílios, do IBGE. A pesquisa foi feita em 1988, apurando 7,12 milhões de sindicalizados, para uma população ocupada de 51,73 milhões.

□ O Sindicato dos Jornalistas do DF já soma 2.555 associados. Dois anos atrás, esse número era um pouco superior a mil associados. A meta é atingir, até 1991, a casa dos 3.000 associados. Ou mais.

□ A Diretoria do Sindicato, juntamente com a Comissão do Repórter-Fotográfico, está estudando uma nova tabela de preços mínimos para serviços de free-lancer. Muitas reclamações chegaram ao Sindicato dando conta que os preços da atual tabela não cobrem plenamente os aumentos verificados nas compras de material de laboratório, filmes etc. O mesmo deve acontecer para a área de reportagem escrita.

□ Os servidores da área de saúde do Distrito Federal encerraram a greve computando alguns ganhos. Um deles merece destaque: o reconhecimento do "Sindicatão da Saúde", reunindo no mesmo bloco o pessoal de nível médio, médicos e enfermeiros. Seria como imaginar gráficos, radialistas e jornalistas. Um importante passo (leia editorial "A Última Barreira").

□ A sucursal de O Globo em Brasília estará agora sob o comando do jornalista Luis Erlange, que veio do Rio, mas já atuou na imprensa de Brasília no passado. Caiu Ismar Cardona, do antigo quadro da casa.

□ O Sindicato dos Jornalistas protestou veementemente contra a atitude do Secretário de Saúde do DF, José Richehien, de impedir o acesso de jornalistas nas unidades da Fundação Hospitalar. A alegação do secretário confundiu alhos com bugalhos: os corredores dos hospitais estavam sendo usados para propaganda eleitoral. Em telegrama, o presidente Bartolomeu Rodrigues registrou: "Essa atitude violenta à liberdade e o trabalho da imprensa, cuja função tem sido a de mostrar à sociedade o real e precário estado dos nossos hospitais, bem como a forma com que o Governo trata os profissionais de uma saúde pública".

□ Nos próximos quinze dias o Sindicato estará de novo emitindo carteira de jornalistas, cujas cédulas estiveram em falta por um bom período. Segundo nos informa a Fenaj, o atraso se deve aos entendimentos com a Casa da Moeda do Brasil, responsável pelas impressões.

## Sindicato amplia as negociações

### No JBr 20%

A onda de demissões no Jornal de Brasília não tirou o ânimo da redação para a luta. Em setembro, depois de uma intensa mobilização que incluiu paralisações por uma hora todos os dias, os jornalistas conquistaram 20% de reposição nos salários, além do congelamento das vagas que surgiram decorrentes de saídas voluntárias. As demissões, segundo diretores da empresa, cessaram.

Com salários corroidos pela inflação de abril (mês do acordo coletivo) até agora, a redação pegou o cheque justamente quando a empresa começou a admitir uma lista de demissões para atender à empresa-mãe em Goiânia. Pelas contas do Departamento de Pessoal, foram consumadas em torno de 12 demissões, mas na verdade, segundo avaliação do Sindicato, o total de vagas não preenchidas nos últimos meses chega a 30.

A polêmica chegou até à mesa de negociação, na Delegacia Regional do Trabalho (DRT), mediada pelo delegado Antônio Pereira e com a participação do diretor-presidente do JBr, Jorge Jardim, e do presidente do Sindicato dos Jornalistas, Bartolomeu Rodrigues. Na expectativa, toda a redação estava dis-

posta a paralisar as suas atividades caso não houvesse um entendimento. Felizmente, o entendimento foi possível, com uma ressalva dos jornalistas: a luta vai continuar porque só dessa forma será possível realocar os salários em condições dignas de sobrevivência e que correspondam ao esforço de todos para melhorar a qualidade do jornal.

### No CB, paralisação

A Revisão do Correo Braziliense não contou por menos. Com salários variando de Cr\$ 25 a 39 mil (os mais baixos da praça), os revisores resolveram parar as suas atividades até que a empresa resolvesse essas distorções. Conseguiram, inicialmente, equiparar o maior salário, de nível "A", com o JBr. O nível B ficou com Cr\$ 40.000. O nível C, de acordo com entendimento com a empresa, foi extinto.

Mas esse não foi o mínimo negociado. Como a empresa está implantando um novo quadro, a expectativa dos revisores é que fiquem todos numa mesma faixa, com um valor superior, equivalendo ao que recebe um redator. Até o dia 15, assento será definido. Foi uma grande conquista, acompanhada passo a passo pelo Sindicato.

### Revisores avançam

Gracias à mobilização, os jornalistas-revisores conseguiram um percentual maior do que a redação e agora estão mais próximos da conquista mais importante: desvincularem-se do departamento industrial para se tornarem parte integrante da redação. Nessa primeira fase, os salários dos revisores foram equiparados aos dos diagramadores (Cr\$ 39 mil) e sobre esse montante aplicados os 20% obtidos para toda a redação. Assim, o salário-base do revisor do JBr, retroativo a 1º de setembro, passou a ser Cr\$ 48 mil.

Ou seja, os revisores, que em julho recebiam míseros Cr\$ 21 mil, foram finalmente reconhecidos como jornalistas, mas para que isso fique mais claro ainda falta colocá-los onde é de direito — no conjunto da redação. Tão quanto o trabalho jornalístico é a discriminação com a atividade do revisor, que também é um jornalista profissional (com diploma e tudo mais), e está ali por uma opção. Se não existisse, o produto final — o jornal — seria um desastre completo, e aí a reportagem não seria o que é. Nunca é demais lembrar no assunto, até porque esse tipo de discriminação se verifica até mesmo entre coleaguinhos.





O BSB entra no mercado editorial de Brasília disposto a se consolidar como o jornal de maior tiragem, desbancando o tradicional Correio Braziliense

entrevista a  
Romerito Aquino

**IL — Segundo a revista Isto É/Senhor, você é uma exceção à regra, ou seja, é o primeiro jornalista a ficar rico na carreira. Qual é a fórmula para isso?**

**Ronaldo —** A fórmula é simples. É bom lembrar que este ano estou completando 25 anos de profissão, e nesse tempo eu nunca tive um único dia, um dia sequer, um emprego só. Houve um período em que eu cobria o Palácio do Planalto para o Jornal do Brasil na parte da tarde e durante a manhã eu era vendedor de livros. Nunca tive vergonha de vender livros de porta em porta. Muitas vezes, quando eu ia para o Planalto trabalhar de jornalista já tinha ganhado o meu dia vendendo o "Tesouro da Juventude", enciclopédias e histórias de Malba Tahan. Também não houve um único dia que eu me lembre não ter trabalhado entre 10 e 12 horas. Basta você ver o horário das minhas secretárias: tem uma que entra às 8 e sai às 14h00 e outra que entra às 14 e sai às 22h00. Ou seja, tenho duas para puxar o meu horário, porque uma só não agüenta. A última vez que tirei férias foi em 66. Aí você pergunta: mas é só isso? Não. Evidentemente, que tem muito mais. Tem fator sorte? Evidente. Tem amigos, tem amizades certas, tem você estar certo no lugar certo. Há toda uma conjugação de fatores. Mas a revista cometeu alguns exageros. O Brasil é um País tão pobre que quando você tem um milhão de dólares todo mundo o chama de milionário.

**IL — Você tem um milhão de dólares?**

**Ronaldo —** (risos) Acho que tenho mais. Só estou dando um exemplo. Esse País pensa muito assim.

**IL — Você defende o duplo emprego para o jornalista?**

**Ronaldo —** Há que se entender. Eu nunca trabalhei num único emprego porque achei que os jornais brasileiros sempre pagaram muito mal. O salário que recebia como editor do Correio Braziliense, depois de 15 anos de casa, era o equivalente a quatro mil dólares. Isso é salário de bicheiro em Nova Iorque. E eu era responsável por uma redação de 260 pessoas, pilotando um projeto que considero vitorioso, porque acabamos levando este jornal até onde está hoje. Então, dizer que quatro mil dólares é muito dinheiro, depende. Você não imagina o que é um editor do porte do CB ganhando só isso.

**IL — Tem muita gente ganhando mais do que isso para trabalhar em campanhas eleitorais...**

**Ronaldo —** Mas uma coisa é fazer um frila de três meses para um político, e outra é ficar sentado numa cadeira elétrica te ocupando 16, 17 horas por dia, agüentando todos os chats da República e trabalhando dez anos sem ter domingos.

**IL — Como você acumulou tanto patrimônio?**

**Ronaldo —** Eu tenho outras coisas. Tenho imobiliária, fábrica de artefatos de concreto, corretora de seguros, etc. Se você perguntar o que acho que faço melhor, respondo que como jornalista, escrevendo, sou apenas sofrível. Logicamente, depois de tantos anos aprendi a escrever, mas não sou um texto brilhante, nem um gênio da raça como Oliveira Bastos. Sei que faço bem duas coisas: a primeira é vender. As pessoas acreditam nas coisas que eu faço, mas isso ninguém adquire da noite para o dia. É o sucesso atrás do sucesso que dá nisso. É a expressão que Oliveira usou no dia que nós chegamos: ele escreveu uma no-

## Entrevista/Ronaldo Junqueira



Foto: Allison Pereira

# Jornalismo S/A

Maldito para uns, admirado por outros, o jornalista Ronaldo Junqueira é um desses casos — por sinal, raros — que conseguem conciliar, sem nenhum drama de consciência, profissão com negócio. Acha, inclusive, que a grande frustração do jornalista hoje, diante de um horizonte sem muitas perspectivas, é justamente não ser empresário, embora passe a vida falando deles. Ex-diretor de redação do Correio Braziliense, cujo projeto editorial ajudou a construir, Ronaldo comprou 50% das ações do BSB e BSB disse a revolucionar o mercado. "Até o final do ano vai ser o jornal de maior circulação na cidade", assegura.

Muita gente aposta nisso. A trajetória de Ronaldo Junqueira tem mostrado que, de uma certa forma, ele tem espantado a crise de dinheiro que o País enfrenta e ajudado a tirar algumas empresas do vermelho. Mas o próprio Ronaldo, nesta entrevista, diz não existir mistério nenhum, apenas o Brasil é pobre demais para identificar, em qualquer pessoa com um milhão de dólares, um milionário. Vaidoso, ele não esconde a sua pretensão de figurar entre os maiores empresários de Brasília, posição para a qual vem se preparando desde que começou a vida vendendo coleções do "Tesouro da Juventude". Como a clientela era de jornalistas, daí para se tornar um deles, como conta, foi fácil.

Goiano de Buriti Alegre, aos 43 anos, em Brasília desde 1960, Ronaldo Junqueira não é formado em nada e é ácido na crítica que faz aos cursos de comunicação e à profissão. "As escolas colocam no mercado mão-de-obra vagabunda e barata". Acha que jornalista só vai descobrir o seu potencial quando encarar a comunicação um negócio como qualquer outro. Discordâncias à parte, esta entrevista tenta mostrar Ronaldo Junqueira por vários ângulos, assim como seus planos para o BSB-Brasil, que promete transformar-lo no jornal dos grandes debates políticos da cidade.

ta na primeira página dizendo que essa era uma equipe viciada em sucesso. A outra coisa é organizar equipe. Tenho um time muito bom. Não sou resultado de mim mesmo. Todo mundo sabe que em todos os lugares onde estou trabalhando tenho uma equipe. Não sou aquele sujeito sem exercício, tanto é tenho que procurado ficar muito pouco no jornal, que é para as pessoas se convencerem de que desencarnei da condição de editor. O editor do BSB chama-se Carlos Alberto Honorato. O editor-executivo chama-se Sílvio Guedes. Porque se eu fico lá, vem aquele cara pedir para por uma materinha, etc. Eu tenho que dar oportunidade a minha equipe para acertar e errar. O problema é de eles. Hoje, por exemplo, o jornal saiu descendo o pau no Paulo Octávio. Aí o Honorato me ligou para saber se eu achava que estava muito pesado. Eu falei: estou me lixando para isso. Se a notícia for verdadeira, segue em frente.

**IL — No período em que você esteve no comando do CB, o jornal não foi beneficiado pelo regime militar?**

**Ronaldo —** É importante lembrar que passei 15 anos no CB mas só assumi o cargo de editor em 82, quando o episódio da ditadura já se estava esgotando. Era o governo Figueiredo e você não pode cometer a sacanagem de chamar aquele governo de ditadura nos padrões que se entende por ditadura. As coisas eram diferentes. Ocorre que o CB é o primeiro jornal de Brasília. Nasceu junto com a cidade. Além disso, são raros os veículos de comunicação com uma identificação tão profunda com a comunidade como o CB. Ele é dono dos classificados. Tenho uma pesquisa de quatro meses atrás constatando que 43% dos leitores do jornal estão interessados nos classificados apenas.

**IL — Os classificados estão ganhando do jornalismo?**

**Ronaldo —** É claro, daí o sucesso de alguns jornais como Balcão, Primeira Mão, etc.

**IL — Muitos acham que jornalismo é uma profissão sem futuro. É verdade?**

**Ronaldo —** Eu nunca acreditei no futuro dessa profissão só por ela. Porque a maior crise que a nossa profissão vive é a crise do empresário de comunicação. Sei que muita gente fica puta comigo, mas gosto de repetir uma coisa: quando você reúne cinco engenheiros, faz uma empresa de construção; cinco médicos, uma clínica; cinco advogados, uma banca de advocacia. Quando se reúnem cinco jornalistas, você começa uma passeata de desempregados. A realidade é que a nossa profissão não tem empresários, e quando você resolve assumir essa posição é patrolhadíssimo. O sr. Frias, o sr. Roberto Marinho e o sr. Nascimento Brito podem ditar, rolar e fazer piçaretagens. Esses caras estão liberados para tudo. Agora, chega o barbac do Ronaldo e diz que vai ser empresário dizem: "Você não; você é um dos nossos, tem que ficar aqui fodido para morrer junto da gente".

**IL — Mas você também é criticado por ter demitido muitos jornalistas...**

**Ronaldo —** É verdade, demiti mais de cem pessoas no CB. Mas empreguei mais de duzentas. O problema é que as pessoas só lembram das demissões. Quando peguei o BSB, por exemplo, este jornal só tinha 18 pessoas na redação.

**IL — Você acha então que jornalista nasceu para ser empregado?**

**Ronaldo —** Claro. As faculdades de Comunicação formam jornalistas para serem mão-de-obra vagabunda



A frente do novo projeto, o jornalista com cara de empresário  
**Ronaldo Junqueira.**  
 Afinal, o que vem por aí?

e barata. E aquela história: as faculdades não formam bons jornalistas; e as empresas dizem que você tem de ganhar pouco porque não sabe nada. Já começa tudo o processo. O cara corre para o sindicato achando que vai resolver o problema dele. Depois, quando volta para o jornal, fica malvisto porque virou sindicalista. É o calvário do jornalista.

**IL — O erro começa na escola?**

**Ronaldo** — Não necessariamente. O erro fundamental é que as pessoas não descobrem que a comunicação é um grande negócio. Para mim, num jornal, numa fábrica de sabonete, numa fábrica de sapato ou numa fazenda plantada, o resultado final deve ser business. Se é brincadeira eu estou fora. Traduzindo, o resultado final deve ser lucro. Mas não significa que para isso a gente deva colocar todos os dias a Juma na primeira página para vender jornal. Em tudo deve existir ética. Da mesma forma, como você faz um poste de cimento, a argamassa precisa ficar bem fixada.

**IL — É por não terem esse entendimento do negócio que muitos jornalistas nunca se dão bem na profissão?**

**Ronaldo** — Eu levei a profissão a sério. Minha vida como jornalista começou quando um dia estava vendendo livros na sucursal do Última Hora do Rio, aqui em Brasília. O chefe da redação naquela época era Nuevo Baby. Quando ele me viu foi logo perguntando se eu não queria ser jornalista. Isso foi em 65. Fiquei espantado. O que faz um jornalista? Ele começou a me explicar. Quanto é que ganha? Ele me deu um valor que equivalia mais ou menos ao que eu ganhava vendendo duas coleções, e olha que costumava vender dez por semana. Mas ele insistiu tanto que me pegou pela vaidade de moleque, de querer escrever. Quando cheguei em casa tomei a maior bronca da minha mãe: isso é profissão de cachaceiro! No dia seguinte, recebi do Alberico (que hoje está na Globo) minha primeira pauta. Era a chegada do príncipe herdeiro do Japão que ia plantar umas cerejeiras em Brasília. Ele mandou que eu fizesse aquelas perguntas: que, onde, por que, e depois explicava o resto. Perguntei: o mais só isso que precisa para ser jornalista? Respondeu que sim. Escrevi a matéria e tive o maior susto quando saiu a publicação no dia seguinte. Perguntei de novo se jornalismo era só aquilo. Como disseram que sim, resolvi ficar. Isso é muito fácil. Depois é que descobri os botequins, os picaretas e os picaretagens. Depois foi para o Jornal do Brasil, com Dines, para a Vea, e aí as coisas mudaram.

**IL — Adiantando um pouco o tempo, por que você resolveu deixar o CB, que ajudou a se desenvolver, para comprar o BSB à beira da falência?**

**Ronaldo** — Deixei o CB porque tinha um compromisso de ordem pessoal com Edilson Varela. Quando ele morreu, percebi que meu tempo estava vencendo, inclusive porque os negócios lá fora estavam muito grandes e não dava para continuar jogando a ideia de ser editor do jornal com as minhas empresas. Vi que tinha chegado a hora de procurar a minha vida. Em dezembro do ano passado eu tentei sair do CB mas o Varela fez uma chantagem comigo: disse que eu só sairia quando ele morresse. Fiquei emocionado. Quando Varela morreu, veio o Paulo Cabral dirigir a empresa de forma inteiramente diferente. Não analiso quem é melhor ou pior. São estilos completamente diferentes. E o Paulo sempre se incomodou com a ideia de eu ser editor do jornal

e empresário. Acho que as considerações que ele fazia não eram do ponto de vista ético. Era aquela coisa de achar que editor tem horário certo para chegar e sentar a bunda na cadeira. Ora, com o esquema que eu tenho hoje, o sujeito que quiser alugar minha bunda por cinco horas tem que pagar muito. Aí fui sentindo que a história da empresa, sem Varela, ia mudar. Eu tinha participado de um projeto que iria se esgotar ali, de fazer um jornal de projeção nacional, da sede nova, de reequipamento, de aumentar o faturamento. Senti que ia começar a fazer o caminho de volta. O Paulo ia querer me reduzir à condição de editor, sentado, à disposição dele. Antes de fabricar inimigos resolvi sair. Então veio o episódio definitivo: o Oliveira, no BSB, vivia um período de dificuldades muito grande, sem os seus antigos sócios não podia tocar o jornal sozinho. Tenho uma relação muito grande com o Oliveira, porque foi ele quem me lançou nesse negócio de chefiar jornal e sabíamos que um dia a gente ia se reencontrar. Mas havia também outra confluência: um bocadinho de gente querendo comprar o BSB com uma análise errada. O Oliveira não estava precisando de dinheiro. Precisava de carinho, de parceria. Eu não entrei no jornal com talão de cheque. Entrei com a mão no ombro dele. Com talão de cheque e mala de dinheiro havia muita gente na porta.

**IL — No entanto, é necessário injetar muito dinheiro no jornal. Afinal, qual é a sua participação na empresa?**

**Ronaldo** — Os valores envolvidos na transação em que fiquei com 50% dos negócios são ridículos, comparados ao que algumas pessoas já havia oferecido. Acontece que os interesses estavam querendo expurgar Oliveira. Nenhum jornalista gosta de fechar jornal. Ele precisa ser do jornal. Você sabe o que o Oliveira, a pedido dele próprio, vai ser? Editor do Caderno Dois. Ele não quer gerir a empresa. Prefere ser editor.

## O «império» Junqueira

Embora não fale em cifras, de jornalista a empresário, Ronaldo Junqueira conseguiu acumular um capital que o coloca hoje no rol dos empresários bem-sucedidos em Brasília. Sem uma especialização definida, ele parece se moldar ao estilo diversificado, como comprova a lista de empresas sob o seu comando. "Não estou preocupado em construir impérios. Quero um grupo empresarial forte", afirma Junqueira, que se considera ainda muito pequena, mas garante se tornar um "big".

No momento, o grupo Ronaldo Junqueira compreende as seguintes empresas (relacionadas por ele próprio):

- Multi Editoria e Comunicação
- Leters Serviços Editoriais
- Trevo Imóveis
- Trevo Comércio e Indústria
- Stracta Genética e Reprodução
- Fazenda São Bernardes
- Mineradora Santa Luzia
- Multi Seguradora
- Multi Star (em funcionamento nos EUA)
- BSB-Brasil
- SR Publicações

**IL — Dá para dizer quanto custou o jornal?**

**Ronaldo** — Existem duas coisas: quanto custou e quanto vamos investir. O que custou é ridículo, por volta de Cr\$ 15 a 20 milhões. Isso não é o importante. Agora, quanto vamos investir é importante, porque vamos construir um prédio em frente, um investimento em torno de US\$ 2,5 milhões. Isso até o fim do ano que vem. No momento investimos US\$ 1,2 milhão na compra de uma rotativa nova, US\$ 300 mil para equipamentos de composição e temos mais US\$ 1 milhão para ser utilizado no prédio e reforma da sede.

**IL — Para fazer tudo isso você está contando com apoio de algum outro empresário?**

**Ronaldo** — Não e digo por quê. Não estou procurando isso não é apenas porque sou honesto, mas porque sou esperto. A maioria dos empresários de Brasília, para usar uma expressão bem própria, é tudo pé-de-chinelo. São acostumados a tratar jornalistas na base do suborno, do free-lancer, como se dá milho para pinto na beirada do prato. O grande truque do meu jornal é meter com 15 mil exemplares na rua. Nesse dia não preciso procurar ninguém. Todo mundo vai me procurar. Hoje o jornal coloca na rua uns três mil exemplares, é uma porcaria. Em março, abril, as coisas mudam. Vai ser o jornal de maior circulação em Brasília.

**IL — O seu objetivo é desbancar o Correio Braziliense?**

**Ronaldo** — Não estou preocupado com isso. O Jornal de Brasília faz uma coisa bacaba: há 18 anos conseguem editar um Correio pior. O JBR é um Denorex, parece mas não é. A coisa é muito simples: vou fazer um jornal popular. Ao contrário do CB, que era povoão e fui fazendo dele um jornal de elite. É preciso que se entenda uma coisa. Jornal não é o negócio da minha vida. Jornal é um dos negócios. Se fosse o contrário teria preferido continuar no CB. Tenho mais 11 negócios fora. O BSB consegue vender um pouco porque está cobrindo direito a política local e tem colunas sociais que agradam a algumas pessoas. Mas se você quer saber o que existe de mais parecido com o que quero fazer pegue a Folha da Tarde, de São Paulo. Não é no estilo "matou a mãe e foi para o cinema". Quero fazer um jornal para o povoão e para a classe média que foi expulsa do paraíso e hoje está no Guarã, Núcleo Bandeirante e no Cruzeiro.

**IL — Mas já se fala por aí que você pretende editar um outro jornal, voltado mais para os satélites.**

**Ronaldo** — Em março nós vamos fazer uma avaliação para lançar um outro jornal, este sim para a classe "A". Mas "A" mesmo, até dizer chega. Aí teremos dois jornais — um para as satélites e outro para a Esplanada dos Ministérios, tipo Le Monde. Agora se você me perguntar o que me agrada mais fazer, é esse do povoão.

**IL — Até aí, parece tudo bem. Mas vamos ao que interessa: não se faz um bom jornal sem jornalistas e salários justos. Até agora os empresários de comunicação de Brasília não têm compreendido bem essa questão. E você?**

**Ronaldo** — Só conheço um jeito de se pagar um salário razoável para jornalista: montando um puta departamento comercial, competente, sem amadorismo. Jornal de poeta eu não vou fazer. Mais: uma equipe muito pequena, pois não vamos montar uma estatal, como virou o Correio. Com uma equipe menor,

nós temos condições efetivas de pagar um salário maior. O tamanho do exército de jornalistas que quero, aquele das pretinhas, é só de 30 pessoas. Só. Eu peguei o BSB com uma turma pequena, uns 12 sofridos, e é claro que vou dar uma oportunidade a eles, mas de qualquer forma vou completar com um time bom. Agora estou trabalhando só com três faixas de salários. No CB havia 11.

**IL — Que faixas são essas do BSB?**

**Ronaldo** — Estamos praticando faixas de 90, 110 e 130 mil. Editor é outra história. Mas pode ficar certo de que não terei, entre editor e repórter, mais de 30 pessoas. Vamos fazer um jornal pequeno. Rompi também com o cartel do preço do jornal. Sem essa de aumentar preço junto, como os outros fazem e até ligaram pra mim. Aqui é diferente. No dia que eu quiser, aumento o preço.

**IL — Mesmo assim, os salários são muito baixos para uma cidade onde tudo é caro, como Brasília. Muitos jornalistas estão deixando a profissão ou por descontentamento ou por necessidade. Como você analisa isso?**

**Ronaldo** — É muito grande o número de jornalistas interessados em virar empresários. Em primeiro lugar, debito isso ao achatamento dos salários. Algumas pessoas pensam que chegaram a esse nível porque todos os patrões são maus. Se existir um mau patrão assim é porque ele é muito burro. Na maioria dos casos que conheço o que existe é patrão sem dinheiro. O Jornal de Brasília, por exemplo, tentou nos últimos meses ampliar os salários. Pouco depois foi obrigado a demitir. O conselho que dou aqui é diferente: vamos vigiar a porta de entrada para a gente não ter de abrir a porta de saída. Só vamos contratar o que pudermos pagar, e só vamos propor salários quando tivermos absoluta certeza de que esse alguém tem condições de produzir à altura do salários que irá receber, além de que nós teremos também condições de remunerá-lo. É muito bonito fazer gracinhas na praça e dois meses depois ser obrigado a chamar o Sindicato para se desculpar: "Não deu".

**IL — Por falar em chamar o Sindicato, o que você acha da greve?**

**Ronaldo** — Acho que o mau patrão deve ser mesmo punido com a greve. Aliás, deviam era fechar a empresa dele. Agora não entendo como é que o Sindicato vai para a porta do CB, e aí defendendo a empresa porque ela paga tudo corretamente e em dia, e deixa um jornal como o do Múcio (Correio do Brasil) e O Povo de Brasília) aberto. Sempre joguei claro e logo após a greve de 89 avisei ao Sindicato que ia demitir 40 na redação. O Sindicato duvidou e demitiu 42.

**IL — Por que você fez isso?**

**Ronaldo** — Porque precisa tomar o comando da redação. Outro erro comum do Sindicato é comparar os salários das empresas locais com os das sucursais. Algumas sucursais praticam salários em Brasília que não têm nada a ver com as suas matrizes.

**IL — Em compensação, a jornada em Brasília é muito maior...**

**Ronaldo** — Não dá para comparar. Lá no Rio O Globo tem muitos jornalistas ganhando 42 mil. Mas na hora da manifestação o sujeito se levanta e diz que O Globo paga 90, 120 mil. Mas paga pra quem e onde? A coisa é um pouco diferente. A sucursal do O Globo aqui em Brasília comparada ao universo de funcionários da empresa no País é um monte de gatos pingados.



Sob auspícios do Governo, alguns jornais manipulam informações do Dieese para confundir a opinião pública e tentar dividir os trabalhadores



Informes

□ Já está circulando o Boletim 1 (abaixo), preparado pelo Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, com vistas ao XXIV Congresso Nacional dos Jornalistas que se realizará de 31 de outubro a 3 de novembro próximos. Várias questões importantes da categoria como democratização da comunicação e alternativas para enfrentar a desmotivação e falta de perspectivas que envolve a maioria das entidades sindicais atualmente, serão enfocadas.

**BOLETIM 1** SC espere você

NOVO CONGRESSO DOS JORNALISTAS

Comissão de organização

Programa de trabalho

Assessoria de imprensa

□ O Correiço Brasileiro está prometendo um novo quadro de salários a vigorar a partir de 1º de outubro. Até agora, porém, o Sindicato não recebeu nenhuma palavra oficial sobre o assunto. O único quadro que se vê por enquanto é de arrocho e muitos companheiros deixando a casa, em busca de melhores alternativas.

□ Antônio Carlos Fon, presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, visitou no dia 5 de setembro último o nosso Sindicato. Além de temas relacionados com o arrocho de salários e a crise no mercado de trabalho, discutiu-se a estratégia da campanha salarial deste ano. Como no ano passado, o Sindicato de Brasília vai estar presente às negociações e assembleias para defender os interesses dos jornalistas de cursais paulistas.

□ A OIT (Organização Internacional do Trabalho) está oferecendo 20 bolsas de estudos, repartidas entre diversos países da América Latina, entre eles o Brasil, para o Curso: "Concepção e Adaptação de Material Didático para a Educação Obreira", patrocinado pelo governo da Itália. O curso será em espanhol e se realizará em Turim (Itália), de 5 de novembro a 14 de dezembro. Quem estiver interessado deve se dirigir diretamente ao seguinte endereço: Embaixada da Itália. Adido cultural: Sr<sup>te</sup> Katherina Portello. SES - Av. das Nações, Lote 30 - Brasília. Tel: 244-0044.

□ O Sindicato dos Jornalistas dispõe de uma Bolsa de Empregos com candidatos a praticamente todas as áreas do jornalismo impresso, de rádio, televisão e assessoria. Graças a ela, alguns jornalistas conseguiram realocação no mercado de trabalho, mas é preciso um esforço maior, e nesse sentido contamos com a compreensão dos colegas em cargo de chefia, para que se transformem num instrumento capaz de atenuar os efeitos desastrosos do desemprego na categoria. Para informações sobre a Bolsa e os candidatos, ligue 225-0728, 226-6251 ou 226-4317.

# 6 Verdades e mentiras

A leitura dos jornais, em agosto, deixou o trabalhador confuso, principalmente quando ele via estampadas páginas o nome da entidade que mais prezava em matéria de confiabilidade — o Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Socio-Econômicas (DIEESE) — dando declarações em favor da Medida Provisória n° 199 e criticando o projeto de política salarial do Congresso, que acabou vetado pelo Palácio do Planalto.

Quem conhece a história e tradição do DIEESE pôde rapidamente identificar mais uma entre tantas jogadas de marketing criadas pelo Governo para confundir a opinião pública. Aliás, não era a primeira vez que o DIEESE se via vítima dessa artimanha: em abril, o Governo tentou atribuir-lhe uma declaração reconhecendo a "inflação zero", quando na verdade a resposta da entidade era de que naquele mês a taxa medida passava dos 44%. Rávisso, o Planalto chegou a radicalizar, através do porta-voz Cláudio Humberto Rosa e Silva, acusando o DIEESE de fazer política sindical, manipular dados e mentir.

Recapitulando: criado pelo movimento sindical, o DIEESE surgiu justamente para evitar manipulações grosseiras, e seu trabalho, ao longo dos anos, garantiu-lhe uma credibilidade em todos os setores. Frise-se: Em todos. Uma credibilidade que incomoda, quando interesses escusos são feridos. E por atender uma clientela tão diversificada de correntes sindicais, a entidade não interfere nas ações dos trabalhadores. Quando muito, emite pareceres técnicos e orientações econômicas

básicas para negociações coletivas.

O Governo estava à espera de uma nova oportunidade para investir contra, através, é claro, de uma estratégia sistemática de desmantelamento do movimento sindical, ferindo seus pontos nevralgias, inclusive a CUT. Dizer que o DIEESE achava a lei do Congresso pior do que a Medida Provisória se ajustava ao figurino. Por motivos óbvios, ou seja, de se calam diante dos veementes desmentidos dos técnicos toda vez que as suas análises era manipuladas. Não se obedeceu ao princípio básico da liberdade de imprensa, que é o direito de resposta. Por sinal, bom mote para uma reflexão da parte dos jornalistas: que diabos de liberdade é essa que estamos vivendo?

Claro está, inclusive para o DIEESE, que a categoria, assim representada como o conjunto de trabalhadores em jornais e emissoras, não detém o controle dos meios de comunicação de massa neste País. Mas como jornal é feito por jornalistas, e estes, em sua maioria, estão chefiando redações e colegas, não é de todo impossível evitar atos de sabotagem contra a classe trabalhadora. No mínimo alertando o seu Sindicato. Os jornalistas não podem perder o referencial da função social que desempenham, e isso não é jogar conversa fora.

Para ilustrar o festival de distorções e mentiras, armado pelos jornalistas, o DIEESE encaminhou aos seus filiados um dossiê esclarecendo o que realmente ocorreu. Os jornais que mais abusaram foram O Globo, Jornal da Tarde e Estado de S. Paulo, todos insistindo em jogar a enti-

dade contra os sindicatos e a CUT, principalmente. O fato concreto, porém, era que o DIEESE esclarecia em nota oficial sua impossibilidade de comparar a medida governamental e a proposta do Congresso. No máximo, daria pareceres técnicos, tais como:

1. A medida provisória determina a conversão dos salários pela média dos 12 meses anteriores à data-base, o que impõe o rebaixamento do poder aquisitivo negociado no último acordo, além de não garantir que essa média seja mantida. Outro agravante é a proibição da livre negociação: todos os acordos e convenções que estabeleçam correção salarial em desacordo com a MP serão considerados nulos de pleno direito.
2. A política salarial proposta pelo Congresso (N.da R: vetada pelo Governo) prevê reajustes mensais; mas não assegura a reposição de perdas salariais anteriores a sua vigência. No entanto, não interfere nas negociações coletivas e mantém as prerrogativas do Poder Judiciário de julgar livremente os impasses trabalhistas.

Finalmente, concluía dessa forma a nota do DIEESE: Nesse momento, cabe reiterar que as reivindicações do movimento sindical sempre apontaram para uma política de recuperação das perdas salariais e manutenção do poder aquisitivo do salário contratado na data-base, sem restrições à livre negociação.

O ponto final. Não foi desta vez que o jogo de manipulação abalou a confiança que os trabalhadores têm no DIEESE.



# CONVÊNIO

ASSISTÊNCIA

Ligue para o Sindicato e de sugestão ao Departamento de Assistência para que possamos ampliar cada vez mais os nossos convênios

## Dão descontos para jornalistas

Em tempos de vacas magras, os descontos especiais nas prestações de serviços em áreas como saúde, educação, lazer e esporte são um verdadeiro bálsamo para os bolsos dos assalariados. Por essa razão, o Sindicato divulga a lista de empresas com as quais mantém convênios para uso dos associados. O jornalista necessita apenas apresentar, nos estabelecimentos comerciais, a carteira de identidade própria (aquela que vem com o carimbo da Fenaj). No caso dos dependentes, o jornalista deve procurar a sede do Sindicato para retirar a carteirinha de convênio. E bom uso.



### CLÍNICAS

**Casa de Saúde e Clínica Santa Lúcia**  
End.: SHLS Q. 716, conj. "C" — 245-3344  
Desconto: 30%

**Clínica Médica São Mateus Ltda**  
End.: Centro Clínico do Lago — QI 09, Bl. E — 248-4881  
Desconto: 30% sobre a consulta, nos demais serviços segue tabela da SBH

**Hospital Santa Luzia**  
End.: SHLS Q. 716, bl. E — 245-2211  
Desconto: 10% sobre a diária hospitalar e 35,5% sobre honorários médicos

**Casa de Saúde Santa Helena**  
End.: W3 Norte SHL, bl. J, Q.01 — 274-3350  
Desconto: 10%

**Hospital Golden Garden**  
End.: SHIS QI 15, trecho 05, lote G — 248-4200  
Desconto: Tabela própria para convênio

**Clínica São Francisco**  
End.: QSC 03, casa 02 — Taguatinga — 563-2379  
Desconto: 30%

**Clínica de Partos Naturais Leboyer Ltda**  
End.: HPP QI 09, conj. E sala 113 — Lago Sul — 348-6085  
Desconto: Tabela da AMB

**Hospital Geral e Materno-Infantil de Taguatinga**  
End.: AF 13, SCSN — Taguatinga — 562-1359  
Desconto: tabela da AMB

**Clínica Neurológica e Neurocirúrgica de Brasília**  
End.: CNB sala 4007 — 223-3000  
Desconto: 30%



MÉDICOS  
ESPECIALISTAS

**Homeopatia**  
Dra. Maria Josenilda Bezerra  
End.: SCLN 309, bl. E, sala 108  
Telefone: 274-3727  
Serviços Prestados: Homeopatia Pediátrica

**Oftalmologia**  
Dr. Enio Torres Peres  
End.: SDS Ed. Venâncio III, sala 514  
Desconto: 50%

**Clínica de Olhos Dr. Alano Sampaio**  
End.: SHIS QI 09, bl. E, sala 203  
Telefone: 248-0660  
Desconto: 50% sobre o valor da consulta

**Cardiologia**  
Dr. Luiz Antonio Rodrigues Aguilá  
End.: SMRN Q. 02, Ed. das Clínicas, sala 302  
Telefones: 225-1881 e 224-3265  
Desconto: 40% para consultas e 30% para eletrocardiogramas

**Dermatologia**  
Dr. Antonio de Pádua Lima  
End.: SHLS 716, Ed. Pio X, sala 509  
Telefones: 245-4100  
Atendimento: Segunda a sexta-feira, das 17 às 20 horas

**Endocrinologia**  
Dr. Edwald Nunes de Araújo Filho  
End.: Centro Médico, 716 Sul, bl. F, sala 309  
Telefones: 245-4044  
Serviços Pessoais: Tratamento de diabetes, tireoidopatias, obesidades, crescimento, esterilidade e hirsutismo.  
Desconto 50%

**Ginecologia**  
Dra. Edna Márcia Xavier  
End.: SMHN Q. 02, Ed. de Clínicas, sala 304  
Telefone: 225-1881  
Serviços prestados: colposcopia, cauterização, punção de módulo mamário, inserção de DIU e biópsia uterina, ginecologia, obstetrícia  
Desconto: 40% pagamento à vista

**Ortopedia**  
Clinor — Clínica Integrada de Ortopedia e Reabilitação  
End.: SMHN Q. 02, bl. A — Ed. de Clínicas, 6º andar  
Telefone: 224-3050  
Serviços Prestados: ortopedia, traumatologia, eletroterapia e fisioterapia  
Desconto: 30%

**Psicologia**  
Dra. Daiva Baptista Obliziner  
End.: Ed. de Clínicas, sala 805  
Telefone: 577-1669  
Serviços Prestados: Atendimento psicoterápico  
Desconto: 50% sobre o valor de cada sessão



### DENTISTAS

Dr. José Ribamar de Azevedo  
End.: CNB sala 5049/51  
Telefone: 224-1329  
Especialidade: Radiologia  
Desconto: 10%

Dra. Sandra Maria Borges de Lima  
End.: SCS Ed. Embaixador, sala 303  
Telefone: 226-5146  
Serviços Prestados: Clínica geral, endodontia, periodontia, prótese, odontoradiologia, odontopediatria e cirurgia.  
Desconto: pela tabela do Sindicato dos Odontólogos.

Dra. Vanderlene Ferreira Sanches  
End.: SCLN 103, bloco B, sala 04  
Telefone: 2250623  
Serviços Prestados: Clínica Geral, endodontia, cirurgia, prótese e periodontia.  
Dra. Maria das Graças Pereira  
End.: CLSRES, bl. B, entr. 4-b, sobreloja 02 — Cruzeiro Center.  
Telefones: 233-2810  
Serviços Prestados: Clínica geral, odontopediatria, endodontia e prótese.

**Policlínica Odontológica Maristela**  
End.: SCS Ed. Maristela, 3º andar, salas 309/10  
Telefone: 226-6469  
Serviços Prestados: Clínica Geral

Dra. Denise Ferreira de Oliveira  
End.: SHLN 116 Ed. Centro Clínico Norte II, sala 108  
Telefones: 274-8831 — 274-6520  
Serviço Prestado: Clínica Geral  
Desconto: 20% sobre a tabela do Sindicato dos Odontólogos

**Centro Odontologia de Brasília**  
End.: CLN 314, bl. A, sala 103

Telefone: 273-7116  
Serviços Prestados: Prótese, cirurgias, restauração, nuva-fel, tratamento de gengiva, canal raios X para adultos e crianças

Desconto: pela Tabela Nacional de Convênios

OBS: As clínicas São Francisco e Santa Lúcia também proporcionam tratamento dentário.

— Prótese Dentária  
Prótese Dentária 2ª Ltda  
End.: W3 Norte Q. 516 (sede da OAB)  
Desconto: 20% sobre tabela própria.

**CICLO — Centro Integrado de Clínicas Odontológicas Ltda**  
End.: SCLN 304, bl. C, salas 20 a 23  
Telefone: 321-2801  
Serviços Prestados: periodontia, dentística, cirurgia, endodontia, prótese e odontopediatria.  
Desconto: Tabela da AMB

Dra. Emery Silva Borges  
End.: SCLN 102 Bloco D Sala 108  
Telefone: 226-2183  
Serviços Prestados: odontopediatria  
Desconto: 30% do preço de mercado



### LABORATÓRIOS

**Laboratório Santa Paulo Ltda**  
End.: SCS Ed. Ceará, sala 305, telefones: 223-5658 e 223-0161.  
Desconto: 30%.

**Laboratório Laclib — End.: SMHN Q. 02, bl. A — Ed. das Clínicas, sobreloja 07, telefone: 226-5665. Desconto: tabela da Associação Médica de Brasília.**

**Laboratório Pasteur — End.: W4 Sul EQ 712/912, conj. Pasteur, bl. A loja 03, telefone: 224-0921. Desconto: 20%.**

**Laboratório Planalto de Análises Clínicas Ltda — End.: SCS Ed. Maristela, sala 1005/10, telefones: 223-3702 e 223-0526. Desconto: 30%**

**Laboratório Brasiliense — End.: SEUPS 712/912, conj. Pasteur, sala 01 — térreo, telefone: 224-9161. End.: CNM 02, bl. A, loja 07 — Taguatinga. Desconto: Tabela da Associação Médica de Brasília.**

**Diagnóstico Laboratório — SMHN Ed. das Clínicas, sobreloja 01, telefone: 224-1322. Desconto: 40%.**

**Laboratório de Análises Médicas de Brasília Ltda — End.: Ed. Brasília Rádio Center — SRTVN Q. 702 Salas 1080/85 e 1058/59, telefones: 224-1266 e 225-1563. Serviços prestados: Patologia Clínica. Desconto: pela Tabela da Associação Médica de Brasília.**

**Laboratório Sabin — SMHN Q. 02, bl. A — sobrelojas 6, 8 e 9 — Ed. das Clínicas, telefones: 226-8020 e 224-2389. Desconto: 40%.**



### ÓTICAS

**Ótica Fluminense**  
End.: SCS Ed. São Paulo, loja 77  
Telefone: 226-2100  
Desconto: Armação de lentes: pagamento à vista 30%; pagamento a prazo 15%; Lentes: pagamento à vista 15%.

**Ótica Brasília Ltda**  
End.: CLS 107, bl. A, loja 22  
Telefone: 244-6216 e 563-3294  
Desconto: compra à vista 20%; compra a prazo de 30 dias 10%; pagamento facilitado em 04 parcelas iguais sem juros.

**Ótica Santana Ltda**  
End.: CRS 512, bl. A, n.º 49/53 — loja 1/3

Continua na página seguinte

Imprensa  
LIVRE



Assessorias de  
várias  
entidades  
debaterem os  
rumos da  
imprensa  
sindical  
em Brasília

## Convênios

Telefone: 244-6216 e 563-3294  
Desconto: compra à vista 20%;  
compra a prazo de 30 dias 10%;  
pagamento facilitado em 04 par-  
celas iguais sem juros

**Ótica Veiga**  
End.: W3 Sul, Q. 505, bl. C, loja  
23  
Telefone: 242-6838 e 243-1781  
Desconto: compras à vista 15%;  
compras a prazo 05%

**Tecnótica**  
End.: Ed. São Paulo, loja 65  
Telefone: 225-6332  
Desconto: compras à vista 10%;  
compras em até 3 pags. 5%; com-  
pras em até 5 pag. 08%

**Ótica Joalheria e Relojoaria Ro-  
mário Veras Ltda**  
End.: SCLS 305, bl. B, loja 36  
Telefone: 224-8972  
Desconto: compra à vista 20%;  
compra a prazo em 2 ou 3 vezes  
10%



## RADIOLOGIA

**Ultra Som Diagnose**  
End.: QNA 16, casa 02 - Av. Co-  
mercial Norte - Taguatinga  
Telefones: 563-4860 - 351-4146  
Serviços Prestados: Exames de  
Ultra-sonografia  
Desconto: pela tabela da Associação Médica de Brasília

**Ultrason Clínica de Ecografia**  
End.: SHLN conj. J, sala de Ra-  
diologia da casa de Saúde Santa  
Helena  
Telefones: 272-1259 e 274-3350  
Desconto: pela tabela da Associação Médica de Brasília

**Centro Radiológico de Brasília  
Ltda**  
End.: SHLS 716, conj. B, bl. 1  
Telefone: 245-1622  
Serviços prestados: Radiologia  
simples e especializada, ultra-  
sonografia e tomografia computa-  
dorzada. Todos os tipos de estu-  
dos hemodinâmicos.

**Clínica Radiológica Ltda**  
End.: SCS, Q. 05, bl. C, loja 112  
Telefones: 224-3361 e 225-1598

**Clínica Radiológica de Brasília**  
End.: CNB, sala 3050  
Telefone: 224-0217 e 226-4209  
Serviços prestados: Exames ecog-  
ráficos ginecológicos, gestacio-  
nal, medicina interna incluindo  
ecografias abdominal e de figa-  
do, vesícula e vias biliares, rins,  
pâncreas, bazo, tireóide, mama,  
próstata, etc.  
Desconto: pela tabela da Associação Médica de Brasília



## EDUCAÇÃO

**Centro de Ensino Castelinho**  
End.: Q. 04, conj. E, AE 05 -  
Sobradinho  
Telefone: 591-6457

Serviços prestados: berçário, ma-  
ternal, jardim de infância e 1º  
grau  
Desconto: 15% não incidindo so-  
bre a taxa de matrícula.

**IBI - Independent British  
Institute**  
End.: SEPS 710/910, bl. A (a)  
CLN 106, bl. D. Sobreloja (b)  
Telefones: (a) 243-0976 e  
244-1994, (b) 273-5163  
Serviços prestados: Curso de  
Língua Inglesa (só para  
jornalista)

**Prodados**  
End.: W3 Sul, Q. 506, bl. C -  
Entr. 7, 1º andar  
Telefone: 244-3505  
Serviço prestado: cursos de digi-  
tização, programação, análise de  
sistemas e operação de  
computadores.  
Desconto: 10% nas  
mensalidades.

**Centro Europeu de Idiomas**  
End.: CNB 05, lote 08, sala 104  
Telefones: 563-3040, 563-2413  
Serviços prestados: Cursos de In-  
glês, Francês e Espanhol  
Desconto: 10% sobre as parcelas

**Auto Escola Central**  
End.: SCS Ed. Venâncio VI - So-  
breloja 03  
Telefone: 224-4610, 226-0490  
Desconto: 5 mensalidades 10%, 2  
mensalidades 20%, a vista 30%.



## ESPORTE

**Academia Corpo - End. SCLN  
308, Bl. A, Loja 47 - Telefone:  
274-1134, Desconto: 50% sobre a  
matrícula; 15% sobre as mensa-  
lidades nos horários nobres (06  
às 08h; 06 às 07h e 17 às 20 ho-  
ras); 20% sobre as mensalidades  
nos horários econômicos.**



## OUTROS

**Lavanderia Alvorada - End.:  
Asa Sul: Qs. 105, 109, 405 e 512  
- Asa Norte: Qs. 216, 404 e cam-  
pus da UnB - Guarã I: QI 06, Bl.  
B, Loja 23 - Telefone: 242-3908  
(matriz) - Desconto: 10%**

**Lavanderia Copacabana - End.:  
Asa Sul: Qs. 202, 205, 214, 215,  
302, 506, SCS Ed. Maristela e  
Cine Centro São Francisco -  
Asa Norte: Qs. 193, 105, 108,  
115, 204, 205, 209, 215, 302, 313  
e 402 - Lago Sul: QI 05, Bl. E -  
QI 11, Bl. K e QI 15, Bl. E -  
Cruzeiro: SRES Bl. B - Cruzeiro  
Center - Luziânia: Q. 167, Lotes  
2 e 3 - Parque Estrela Dalva -  
Telefone: 242-3968 (matriz) -  
Desconto: 10%**

**Ary Cabeleireiro para Ele e Ela  
Ed. Brasília Rádio Center, Lojas  
677/3 - Térreo - Telefone:  
225-5740 - Desconto: 30% para  
corte, manicure e pedicure -  
15% para coloração, tintura etc.**



Jornalistas e estudantes acompanham palestras no auditório do sindicato

# Imprensa Sindical busca a sua identidade

Dos 130 milhões de exemplares que re-  
presentam atualmente a tiragem mensal  
de todos os jornais editados no Brasil,  
cerca de 13 milhões são informativos de  
sindicatos, federações, confederações e  
outras entidades representativas dos tra-  
balhadores brasileiros. Esta estimativa,  
feita pelo Departamento Intersindical de  
Assessoria Parlamentar (DIAP), reflete  
claramente a importância que a impre-  
ssa sindical passou a ter nos últimos anos  
no contexto da comunicação de massa do  
País.

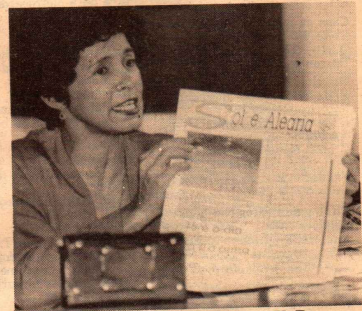
Foi pensando justamente em discutir  
o papel que a imprensa sindical desem-  
penha hoje em relação ao avanço da co-  
municação que o Sindicato dos Jornalistas  
do DF tomou a iniciativa de convocar  
professores de comunicação, dirigentes  
sindicais e jornalistas que atuam nesse  
setor para discutir o assunto. O Encontro  
"Imprensa Sindical em Questão" acon-  
teceu no último dia 11 de setembro  
no auditório do Sindicato, onde compareceram professores  
da UnB e do Ceub, dirigentes de  
alguns sindicatos e jornalistas.

Após palestras proferidas  
sobre o assunto pelo presidente  
do Sindicato dos Jornalistas,  
Bartolomeu Rodrigues, e pela  
professora Arcelina Helena, da  
Universidade de Brasília,  
seguiu-se um enriquecedor de-  
bate com a participação de todos  
os presentes. Uma das questões  
mais debatidas no Encontro foi a  
valorização do jornalista que  
trabalha e vive exclusivamente  
de fazer jornais, revistas, bol-  
etins e outras publicações para  
entidades sindicais. Nesta dis-  
cussão, chegou-se à conclusão  
que os jornalistas da imprensa  
sindical precisam se organizar  
para cobrar dos dirigentes de  
sindicatos e de outras entidades que  
possuem publicações permanentes e periódicas  
a importância do trabalho de divulga-  
ção no avanço da luta sindical.  
Discutiu-se também a importância dos  
sindicatos atentarem para publicações  
que não se atenuam apenas aos informes  
específicos de cada categoria, mas que se  
preocupam também com a divulgação do  
movimento sindical como um todo. Al-  
guns fizeram questão de alertar tam-  
bém para a participação dos sindicatos na  
vida cultural das cidades em que atuam.  
Além desta participação, os presentes  
consideraram importante que as publica-  
ções dos sindicatos divulguem os movi-  
mentos culturais, a exemplo do que faz  
hoje o Sindicato dos Jornalistas através  
de **Imprensa Livre**.

Os participantes do Encontro "Im-

presta Sindical em Questão" alertaram  
ainda para o impacto negativo que o fim  
do Imposto Sindical - uma das maiores  
fontes de renda dos sindicatos e demais  
entidades - poderá significar para a con-  
tinuidade de suas atividades. O fim do  
imposto, segundo alguns dos presentes,  
vai reduzir os orçamentos dos sindicatos,  
que poderão começar a cortar suas despe-  
sas justamente reduzindo gastos com as  
publicações sindicais. Outro ponto ba-  
stante discutido no Encontro foi a defi-  
nição do papel da imprensa sindical no con-  
texto da nova política de comunicação  
que terá de ser definida para o Distrito  
Federal dentro da Constituição que será  
elaborada pela Assembleia Distrital.

Ficou estabelecido que os jornalistas  
e dirigentes sindicais devem ficar aten-  
tos para que a futura Constituição de  
Brasília contenha os princípios básicos  
de uma política de comunicação que pro-



Arcelina Helena, do Diap e UnB

zize, acima de tudo, a democratização dos  
meios de comunicação de massa, sem o  
qual será impossível os brasileiros vivere-  
m uma democracia plena. Outro ponto  
acertado do encontro foi a formação de  
uma Comissão de Jornalistas da Imprensa  
Sindical, que atuará dentro do Sindi-  
cato. Esta comissão ficará encarregada  
de discutir as questões do jornalista do  
setor e de criar mecanismos através dos  
quais os dirigentes sindicais se sensibilizem  
para a importância da imprensa sindical.  
Por último, ficou estabelecido que a  
Comissão e o Sindicato dos Jornalistas  
lutarão para que a cadeira "Jornalismo  
Sindical", presente na Faculdade de Co-  
municação da UnB e em outras universi-  
dades brasileiras, passe de optativa para  
obrigatória nos currículos dos cursos de  
Comunicação.